



# O HUMANO

na dinâmica da comunicação

Equipe do SEPAC  
Joana T. Puntel (org.)



sepac

## 6. O SER HUMANO EDUCOMUNICATIVO: UM ESTILO

Helena Corazza, fsp\*

A dimensão antropológica do ser humano é comunicativa, pois a relação é constitutiva de seu existir e expressar-se. Ao falarmos do ser humano educomunicativo, estamos relacionando um campo de conhecimento e atuação que envolve a comunicação e a educação em que pensadores

---

\* Helena Corazza é jornalista, com licenciatura em Letras, doutora e mestra pela ECA-USP (Escola de Comunicações e Artes da USP); diretora e docente no SEPAC (Serviço à Pastoral da Comunicação); coordenadora do curso de pós-graduação *lato sensu* "Comunicação, Teologia e Cultura: teórico-prático" do SEPAC, em convênio com o Itesp; docente no Instituto Teológico São Paulo (Itesp); autora dos livros: *Comunicação e relações de gênero em práticas radiofônicas*; *Pastoral da comunicação: diálogo entre fé e cultura*; *Acolher é comunicar*; *A comunicação nas celebrações litúrgicas*; *Educomunicação: formação pastoral na cultura digital*; assessora em instituições e comunidades na área da formação para a Educomunicação e pastoral. E-mail: [helena.corazza@paulinas.com.br](mailto:helena.corazza@paulinas.com.br)

dos dois campos reconhecem o humanismo que perpassa tanto a comunicação quanto a educação.

O campo da educação remete ao ensino formal, enquanto o da comunicação, aos meios e suportes da tecnologia que potencializam conteúdos multimídia e em multiplataformas, ampliando sua propagação. Daí pode surgir uma visão com predominância instrumental da comunicação que vê a ampliação do alcance da mensagem sem considerar o humano atuante tanto na educação quanto na comunicação.

O enunciado do ser humano educomunicativo remete ao ser humano enquanto sujeito ator (Touraine, 1994), atuante na educação, o professor/docente/educador e o comunicador produtor de conteúdos, apresentador, disseminador de ideias nos mais diversos formatos.

Tendo em conta que a Educomunicação é uma área de conhecimento que trabalha na interface comunicação e educação, a proposta aqui é considerar a pessoa do educador não somente sob o olhar das tecnologias ou das técnicas, seja do campo da educação, seja da comunicação, mas também como sujeito mediador cultural que atua com diferentes linguagens e assume um estilo, um modo de ser e atuar na cultura digital.

## **O sujeito mediador cultural**

A formação educomunicativa no contexto da comunicação e cultura envolve o conhecimento e a reflexão das áreas da comunicação e da educação, pois vê o ser humano como

sujeito situado em uma teia de relações em que a comunicação se torna cultura cotidiana, não só pelo acesso às tecnologias, como também pelo modo de se relacionar, produzir e distribuir as informações. Fazendo parte da vida cotidiana e dos espaços educacionais, a comunicação possui muitas formas de se manifestar e de ser entendida, desde o aspecto técnico e funcional, até ao de cultura, em que os sujeitos apropriam-se, reinterpretam, recriam e produzem novos sentidos.

Conforme Martín-Barbero, o conceito de mediação sinaliza um deslocamento na interpretação da comunicação: “O eixo do debate deve deslocar-se dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade das matrizes culturais” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 258).

Um dos desafios se coloca no processo relacional, na interação do ser humano com o contexto onde vive; por isso, reconhecendo-se comunicação por natureza, ele precisa aprender a ser. O que se é por natureza, precisa ser assimilado e aperfeiçoado cada dia de novo, na atitude de aprendiz permanente, cultivando o que se é, mas também aprendendo a conviver. Esta é uma busca contínua exigida pelo ato de comunicar, o que requer capacidade e abertura constantes para viver a comunicação e exercitá-la, indo ao encontro do outro, em atitude dialógica. Conforme Freire,

o que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se é que ela é diálogo, assim como o diálogo é

comunicativo. [...] a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados (FREIRE, 1983, p. 66ss).

O conceito de mediação cultural traz consigo o mediador que atua no campo educacional e pastoral. O sujeito é uma categoria que se destaca na comunicação vista e produzida a partir do processo relacional e de sua inserção na sociedade, sendo ele compreendido como sujeito social que se constrói, interage e, ao mesmo tempo, é construtor de significado e ação social. São muitas as interpretações ao redor do conceito do sujeito, que assume diferentes facetas de acordo com os contextos socioculturais e diferentes temporalidades. Segundo Touraine,

o ator não é aquele que age em conformidade com o lugar que ocupa na organização social, mas aquele que modifica o meio ambiente e sobretudo social no qual está colocado, modificando a visão do trabalho, as formas de decisão, as relações de dominação ou as orientações culturais (TOURAINÉ, 1994, p. 220).

A questão do sujeito que pensa, produz, negocia sentidos e intervém também pode ser caracterizada como “*intelectual orgânico*”, apropriando-nos do conceito de Gramsci. Essa visão faz com que o ser humano pensante possa se apropriar dos conhecimentos, consiga planejar em diálogo com seus pares e seja criativo na busca de propostas e soluções criativas, servindo-se ou não das tecnologias.

Ao trabalhar a educação para a comunicação no processo relacional, a partir da cultura, tendo em conta a visão antropológica, a reflexão e a produção em chave comunicacional, o pensar e o atuar embasam-se em valores como a ética, a participação, o diálogo, trabalhando o potencial das pessoas em vista de seu crescimento pessoal e social. Ao capacitar para o conhecimento integrado entre teoria e prática, confere-se ao interlocutor a competência na reflexão para a busca de estratégias de ação e intervenção na sociedade.

## **Novos modos de narrar pelas linguagens**

A Educomunicação na formação pastoral é trabalhada no contexto das mediações culturais em que a tecnologia possibilita novas linguagens e novos hábitos cotidianos no acesso ao conhecimento, que desafiam o campo pastoral. A hegemonia do livro e da mídia impressa durante séculos, orientada por uma lógica linear, agora convive com outras linguagens mediadas pelas tecnologias audiovisuais e digitais na lógica não linear.

A mudança nos modos de narrar, na cultura contemporânea, faz parte das linguagens e saberes marcados pela entrada de novos códigos e combinações, que criam sentidos, ampliando os modos de perceber, de sentir e de pensar, que articulam a lógica e a intuição. As expressões plurais e sensoriais na linguagem oral, escrita, sonora, imagética, digital de forma linear ou não linear, são maneiras de conhecer e

narrar o mundo com janelas simultâneas, potencializadas pelas conexões da comunicação mediadas pelas tecnologias.

Para pensar, de maneira ampliada, a circulação da linguagem verbal nos meios de comunicação é necessário levar em conta os sistemas complexos de produção dos sentidos, os fluxos, cruzamentos, interpenetrações, interposições, ajustes e afastamentos de códigos e sistemas de linguagem que elaboram as significações nos ambientes midiáticos. Da mesma forma, palavras, sons, imagem, música, ordenados em uma nova totalidade significativa, criam novos significados e linguagens. São combinações nesse mecanismo sinérgico, “toda ela movida por migrações, passagens e cruzamentos entre suportes, dispositivos técnicos, recursos digitais, linguagens” (CITELLI, 2006, p. 137).

As mudanças nas linguagens não são apenas uma dimensão constitutiva da vida social, nem dizem respeito somente aos meios de comunicação, mas têm a ver com uma forma determinada de a própria sociedade ser e se configurar, vinculada à revolução tecnológica da modernidade que elevou a técnica como parte do progresso e da felicidade do homem. Por esta nova configuração, ela provoca uma reelaboração do caráter simbólico da vida social enquanto tal, ligada à pretensão moderna da realização tecnológica dos desejos humanos.

A sensorialidade envolve todos os sentidos, desde o pensar a produção de um texto escrito, sonoro, imagético ou musical, como as percepções pela vista, ouvido, tato, parecendo estar em contradição com o pensamento e a educação

que chame e desperte a consciência, caracterizados como uma nova era do sensível que questiona a postura da elite intelectual, a qual nos faz insensíveis aos desafios culturais que a mídia coloca a esta geração que se diverte com *games*, que vê cinema na televisão.

As novas linguagens, criadas pelas possibilidades e combinações com as tecnologias digitais que incorporam a velocidade e um processo de comunicação interativo, são um desafio para a comunicação e para a pastoral. Há uma tomada de consciência da necessidade de uma revisão de métodos de comunicação diante dessas mudanças, sobretudo com a cultura digital. No sentido de sua aplicação na evangelização, incentiva-se uma cultura participativa e colaborativa, em especial com as redes sociais. Isso requer uma revisão dos métodos pastorais e educativos, assim como o vem exigindo nos sistemas de ensino, nos processos políticos e na reorganização da sociedade em geral.

## **A Educomunicação como estilo de vida**

Os valores da Educomunicação caminham na linha humanista, enquanto considera a pessoa como sujeito do processo que, por sua vez, tem como pilares o diálogo, a troca, tanto na educação quanto na comunicação. Dessa forma, os saberes entre os interlocutores circulam para uma construção coletiva que vai somando, criando e recriando possibilidades de crescimento das pessoas para sua atuação com autonomia, podendo “dizer a palavra”, conforme Paulo Freire.

A *autonomia do espírito*, que Edgar Morin apresenta, tem como missão incentivar “uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre” (MORIN, 2010, p. 11). E aqui é possível aproximar esta proposta com a de Freire, da *Educação para a liberdade*. A obra de Morin, assim como a de Paulo Freire, encontra-se engajada em uma luta para proporcionar aos educandos o aprimoramento das capacidades intelectuais para a autonomia de seus pensamentos e desenvoltura para lidar com a complexidade da vida e do mundo político.

Um dos valores da Educomunicação *como estilo* compreende uma metodologia teórico-prática, na qual o ser humano faz a experiência de pensar, produzir e colocar em prática o que aprendeu para compartilhar, em um processo relacional de comunicação. E essa metodologia carrega o sentido do “complexo”, ou seja, o que é tecido em conjunto, em equipe, exercitando a alteridade.

Uma das experiências que ilustram essa metodologia é a do Serviço à Pastoral da Comunicação (Sepac), em sua proposta de “capacitar agentes culturais e sociais na área da comunicação, qualificando a atuação profissional, cultural e pastoral, na totalidade do ser humano”. A competência neste campo é uma exigência que, aliada ao compromisso com os valores da cidadania, torna mais eficaz a comunicação. Essa metodologia tem como eixo central a comunicação como processo integrado, que inclui a reflexão, a ação e o relacionar-se de forma articulada. Trata-se de uma formação

para ser e atuar, focando o ser humano como sujeito em sua interação e convivência na sociedade, com as tecnologias e o ambiente comunicativo e seu entorno.

Assim, insere-se a pessoa em sua formação humana, cultural, espiritual e intervindo na sociedade, em função de uma comunicação democrática e participativa. Nessa visão, evidenciam-se três eixos que tratamos em separado apenas por uma questão didática, mas que acontecem de forma integrada: pensar, produzir e conviver. O pensar envolve a reflexão teórica, o conhecimento disponível com distanciamento crítico, conforme as teorias atuais de análise da comunicação, a recepção e análise de produtos midiáticos; o produzir envolve o conhecimento das diferentes linguagens e a habilidade do planejamento e da criação de produções que possam circular na sociedade; o conviver envolve o ser humano como sujeito do processo comunicativo, o ambiente, a comunicação visual, o acolhimento das pessoas com afeto, a infraestrutura que possibilite o exercício e a experiência da comunicação.

A metodologia que abarca a reflexão, a prática e a convivência poderá contribuir para que os comunicadores do campo pastoral estabeleçam coerência entre o pensar, o produzir e o conviver, partes do processo participativo e dialógico das diferentes linguagens. Essas características educacionais podem ser um diferencial em seus ambientes de atuação.

O resultado da apropriação do conhecimento se dá na interface da comunicação com outras áreas, no campo

pastoral, educacional e na análise dos produtos da mídia. A apropriação do conhecimento nas interfaces é devida à metodologia teórico-prática, em que se articulam o pensar e o produzir, favorecendo um novo modo de conceber a comunicação e, ao mesmo tempo, tendo um ambiente favorável de convivência em que se discute e realiza o processo de produção e as linguagens, em diferentes expressões da mídia para um resultado coletivo.

As práticas de intervenção se destacam nas análises, sendo um número significativo com evidências educomunicativas com crianças que participam da produção e da apresentação de programas em rádio católica; estudos sobre rádios comunitárias, que têm em sua gênese o processo participativo e de como, em alguns lugares, isso se torna mais evidente; estudos também de reuniões comunitárias para refletir sobre a Bíblia, e nesses encontros mantém o processo de participação e de compromisso com a transformação da realidade.

Continua o grande desafio de ser e atuar, educando para os valores do diálogo, da participação e do compromisso com a transformação da realidade, em uma sociedade em que prevalecem os valores do mercado.

Permanece também um desafio quanto à reeducação para o processo participativo e dialógico no contexto da cultura digital, um dos valores da comunicação popular e alternativa que a Educomunicação assume em sua gênese. A interatividade própria da cultura digital se expressa tantas

vezes também como percebido nas análises, sem a dimensão coletiva, da comunidade e da colaboração, prevalecendo a autorreferência, uma característica visível e crescente.

Na experiência de trabalhar a formação para a comunicação com lideranças das pastorais, em sua maioria de adultos e jovens, portadores de uma formação e de projetos relativos à comunicação para suas comunidades e instituições, e considerando o caminho explicitado, pode-se afirmar que a Educomunicação é ou deveria ser um estilo de vida. A partir do momento em que a pessoa assume a comunicação como mediação cultural na reflexão, nas práticas e na convivência, ela se torna um modo de ser, de pensar e de atuar em seu cotidiano, seja na postura pessoal, seja nos ambientes ou na atuação junto à mídia.

## **Considerações educamunicativas**

Para se construir um modo de ser, um estilo, não bastam tecnologias. É preciso uma carta humana e teórica que alimente o sonho de um ser humano que compartilhe, que saiba viver a troca de saberes teóricos e práticos, deixando de lado o individualismo e a competição em favor de outra sociedade possível.

São necessários também: a formação profissional integrada, que tenha em conta a dimensão antropológica, ou seja, forme profissionais comprometidos com os valores humanos e cristãos; a formação acadêmica e doutrinal, nos

seminários e nas casas religiosas, bem como para o laicato; o conhecimento do público a quem nos dirigimos, sua mentalidade, cultura, valores, necessidades.

A Educomunicação torna-se um estilo de vida. Mais do que preceitos, técnicas ou lugares de atuação, é, ou deveria ser, um estilo de ser e de atuar nas pastorais e na ação evangelizadora. Trata-se de uma cultura que paulatinamente está sendo construída, em que educadores e comunicadores colocam e consideram o ser humano, sobretudo o que está na liderança, como sujeito, interlocutor, mediador de processos nos mais diversos contextos e interfaces. Um estilo de educador requer: favorecer um ser pensante, capaz de apropriar-se do conhecimento e mobilizador; a apropriação do conhecimento teórico-prático e a criatividade; vivenciar o processo relacional, a participação, o trabalho em equipe, a gestão participativa. Então podemos afirmar que, mais do que técnicas, a Educomunicação é um estilo, um modo de ser e de atuar.

## Referências bibliográficas

CITELLI, Adilson. *Palavras, meios de comunicação e educação*. São Paulo: Cortez, 2006.

CORAZZA, Helena. *Educomunicação: caminhos e perspectivas na formação pastoral. A experiência do Serviço à Pastoral da Comunicação (Sepac)*. PPGCOM-USP, 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. *Extensão ou comunicação?* 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonia*. Barcelona: Gilli, 1987.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.